

## O CONCEITO DIALÉTICO DE CRISE EM *O CAPITAL*

Jadir Antunes – professor de filosofia da Unioeste-Pr e doutorando em filosofia pela Unicamp.

Nossa comunicação é parte dos resultados da pesquisa de doutorado desenvolvida no departamento de pós-graduação em filosofia da Unicamp sob orientação do prof. Dr. Hector Benoit. A pesquisa teve por título “*Da possibilidade à realidade: o desenvolvimento dialético das crises em O Capital de Marx*” e foi defendida em agosto de 2005.

O conceito de crise em *O Capital* é um conceito chave para entendermos o processo de desenvolvimento capitalista. Os diferentes teóricos das crises concebem, em geral, que a crise emana de uma ou outra causa em particular, como a superprodução, o subconsumo, a desproporção intersetorial e a queda da taxa de lucro. Kautsky<sup>1</sup>, por exemplo, acreditava que o fator fundamental na eclosão das crises era o subconsumo das massas frente a uma escala de produção sempre ascendente. Hilferding<sup>2</sup>, por sua vez, acreditava que a causa fundamental das crises era a ausência de um planejamento racional que organizasse a produção social de acordo com as necessidades de consumo da sociedade. Rosa Luxemburg<sup>3</sup>, por seu lado, acreditava que a causa fundamental das crises de superprodução era a ausência de uma terceira categoria de consumidores capazes de realizar a mais-valia destinada à acumulação, mais-valia esta não consumida nem pelos operários nem pelos capitalistas individuais. Muitos, ainda, como Manuel Castells<sup>4</sup> e Paul Sweezy<sup>5</sup>, concebem a crise como sendo causada pela queda da taxa de lucro. Todos partilham em comum a concepção de que as crises possuem uma causalidade determinada e esta pode ser encontrada em determinadas passagens canônicas e singulares da obra de Marx. Há, ainda, em comum entre eles, o completo desconhecimento de que a teoria das crises deve ser compreendida simultaneamente à compreensão da exposição dialética do conceito de capital.

Para Roman Rosdolsky – um dos primeiros estudiosos dos *Grundrisse* e da relação deste com *O Capital* – Marx não possui uma teoria completa sobre as crises do capital. Uma elaboração sistemática de Marx sobre as crises havia sido esboçada nos planos projetados para a redação de *O Capital* no ano de 1857. De acordo com Rosdolsky, em sua obra *Génesis y estructura de El Capital de Marx*<sup>6</sup>, Marx elaborou dois planos distintos para a redação de *O Capital*, o primeiro em 1857 e o segundo, já modificado, em 1866. O primeiro plano foi elaborado dez anos antes da publicação do Livro Primeiro e o segundo plano apenas um ano antes. Entre 1857 e 1866 media um período de nove anos de

---

<sup>1</sup> Karl Kautsky, *Teorias de las crisis*. In: Lucio Colletti (org.), *El Marxismo y el “Derrumbe” del Capitalismo*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1978.

<sup>2</sup> Rudolf Hilferding, *O capital financeiro*. S.P, Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

<sup>3</sup> Rosa Luxemburg, *A acumulação de capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*. S.P, Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).

<sup>4</sup> Manuel Castells, *A teoria marxista das crises econômicas e as transformações do capitalismo*. R.J, Paz e Terra, 1979.

<sup>5</sup> Paul Sweezy, *Teoria do desenvolvimento capitalista: princípios de economia política marxista*. Sexta Edição. R.J, Zahar Editores, 1985.

<sup>6</sup> Roman Rosdolsky, *Génesis y estructura de El Capital de Marx: estudios sobre los Grundrisse*. Quinta Edição. México, Siglo Veintiuno Editores, 1986.

experimentação e busca constante de uma forma expositiva adequada aos complexos temas de *O Capital*. Ao longo destes nove anos desenvolve-se, ao mesmo tempo, uma restrição progressiva dos temas inicialmente programados. Um dos temas que sofre restrição neste intervalo de tempo é o tema das crises.

Em seu plano original de 1857, Marx programara editar suas descobertas teóricas dividindo-as em três partes distintas. O plano de 1857, de acordo com Rosdolsky, previa a seguinte divisão da obra:

- I. Livro do Capital.
  - a. O capital em geral.
    1. Processo de produção do capital.
    2. Processo de circulação do capital.
    3. Lucro e juros.
  - b. Seção da concorrência.
  - c. Seção sobre o sistema de crédito.
  - d. Seção sobre o sistema acionário.
- II. O livro da propriedade da terra.
- III. O livro do trabalho assalariado.
- IV. O livro do Estado.
- V. O livro do comércio exterior.
- VI. O livro do mercado mundial e as crises.

Como podemos perceber, o tema das crises aparece aí, em primeiro lugar, como o último de todos os temas a ser desenvolvido e, em segundo lugar, como tema merecedor de um tratamento especial, um livro inteiro, à parte dos outros temas. No intervalo de nove anos de reflexões, contudo, Marx modifica este plano original e o substitui pelo seguinte:

- |            |                                    |
|------------|------------------------------------|
| Livro I.   | Processo de produção do capital.   |
| Livro II.  | Processo de circulação do capital. |
| Livro III. | Síntese do processo global.        |
| Livro IV.  | História da teoria.                |

Esta é a forma como Marx concebeu *O Capital* em sua forma definitiva. Os Livros I, II e III compõem os três livros em sua forma atual e o Livro IV compõe as *Teorias Sobre a Mais-valia*. Como podemos observar, nesta forma definitiva foi suprimido não apenas o tema das crises, mas, ainda, os temas do Estado, do comércio exterior e do mercado mundial projetados como Livros IV, V e VI em 1857. Todos os outros temas projetados foram, de uma forma ou de outra, contemplados dentro da estrutura definitiva encontrada por Marx em 1866. Ficaram de fora como temas especificamente delimitados estes últimos quatro temas, entre eles o das crises econômicas. Rosdolsky argumenta, a partir das próprias palavras de Marx, que estes três últimos livros (IV, V e VI), se nunca foram sistematicamente pensados e redigidos por Marx, também nunca foram abandonados por ele porque a redação destes três livros finais ficou reservada a um eventual prosseguimento futuro da obra. Como Marx abandonou em 1866 o prosseguimento da obra, encerrando-a com o Livro Quarto *Teorias Sobre a Mais-valia*, o tema das crises, então, não pode ser pensado por nós como tema abandonado por Marx porque ele próprio nunca

pensou em desenvolvê-lo sistematicamente, diz Rosdolsky. Tal tema pode ser encontrado, segundo ele, apenas ocasionalmente no interior do conjunto dos quatro livros de *O Capital*.

Com esta “lacuna” no pensamento de Marx, muitos marxistas passaram, então, a procurar no interior dos quatro livros de *O Capital* em qual seção ou capítulo estaria sistematicamente redigida uma teoria de Marx sobre a crise final do capital ou, então, ao menos, sobre as crises cíclicas do capital. Os pensadores marxistas passaram, então, durante todo o século XX, principalmente, a digladiar entre si para saber qual era a causa determinante e definitiva das crises do capital, da crise que poria um fim definitivo à história da acumulação de capital. A historiografia marxista, seja ela mais ou menos comprometida diretamente com a revolução operária ou mais ou menos comprometida unicamente com o desenvolvimento teórico do tema, lançou-se, então, a buscar na obra de Marx uma prova definitiva da inevitabilidade, ou não, de um colapso econômico do capitalismo.

A grande questão sobre as crises, objeto de polêmica entre os continuadores do marxismo, é exatamente a seguinte: tinha Marx uma teoria sistemática e completa das crises do capital ou não?

Rosa Luxemburg, a maior de todas as fatalistas, respondia enfaticamente que Marx não possuía uma teoria completa sobre as crises. Ou, melhor, para ela, Marx possuía uma falsa e abstrata concepção do processo de acumulação capitalista. Se à concepção idealizada e abstrata de Marx sobre a realização da mais-valia global, especialmente o esquema de reprodução social exposto no Livro II, fosse adicionada a necessidade de uma terceira categoria de consumidores externos à relação capitalista a totalidade do processo de acumulação de capital poderia ser compreendida em sua configuração real e não apenas abstrata, como demonstrou Marx em *O Capital*.

A acumulação de capital entraria inevitavelmente em crise na concepção de Rosa Luxemburg, na medida em que a sociedade capitalista se expandisse por todos os poros do planeta e aniquilasse as nações não-capitalistas que realizavam a mais-valia não realizada pelos agentes do capital. Com o extermínio das sociedades não capitalistas, o capitalismo entraria inevitavelmente em crise pela ausência de uma terceira categoria de pessoas responsáveis pela realização da mais-valia mundial.

Hilferding, numa direção inteiramente oposta, acreditava que a emergência das sociedades por ações e do capital financeiro que reuniam em suas mãos o controle acionário dos principais ramos da produção poderia evitar as crises econômicas do capitalismo através do planejamento racional da produção realizado por esta nova modalidade de capital desconhecida de Marx, o capital financeiro.

A ausência em Marx de uma elaboração sistemática e definitiva sobre o futuro da acumulação de capital não parece nos autorizar nem a corrigir e nem a completar Marx, como procurou Rosa Luxemburg, nem ao mesmo tempo nos autoriza transformar Marx num ricardiano de esquerda, como pretendeu Hilferding. A ausência desta elaboração sistemática e definitiva sobre as tendências futuras do capitalismo e, ainda, a ausência de uma teoria sistemática sobre as crises do capital devem ser pensadas a partir dos próprios planos de exposição projetados por Marx nos anos de 1857 a 1866.

Nossa tese se apóia no seguinte pressuposto: o conceito de crise é inseparável do conceito de capital e o estudo de um implica necessariamente no estudo do outro. Partimos, portanto, em nosso estudo da análise e desenvolvimento do conceito de capital ao mesmo tempo em que analisamos e desenvolvemos o conceito de crise. A obra *O Capital*, como sabemos, tem como meta a análise e desenvolvimento do conceito de capital,

o fundamento da sociedade burguesa. No trajeto expositivo dos três livros de *O Capital* faz-se fundamental compreendermos, ao menos, quatro coisas:

Primeiro: os Livros Primeiro e Segundo possuem como objeto o conceito genérico e abstrato de capital, o conceito de capital em sua forma pura, o conceito de capital enquanto tal sem consideração por suas formas particulares como o capital comercial e a juros, assim como a renda fundiária, todas formas derivadas do capital-industrial, a forma mais pura, universal e fundamental do capital. Os Livros Primeiro e Segundo não possuem como objeto, portanto, a sociedade capitalista com suas leis e contradições reais, mas a sociedade capitalista com suas leis e contradições potenciais, genéricas e abstratas. O capital e a sociedade capitalista em sua configuração real e concreta são analisados somente no Livro Terceiro. Neste, a sociedade capitalista é concebida com todas as suas impurezas e deformações provocadas pela concorrência. Os Livros Primeiro e Segundo são livros mais abstratos exatamente porque neles está abstraída a análise da concorrência, a análise da luta entre os diversos capitais individuais que reciprocamente se odeiam. Posto o capital individual e a concorrência no Livro Terceiro a exposição sobre o conceito de capital passa, então, de um nível mais genérico e abstrato a um nível mais real.

Segundo: nos Livros Primeiro e Segundo analisa-se o conceito de capital e de crise de modo mais puro e abstrato. As muitas contradições que surgem aí, surgem como contradições potenciais e abstratas e a crise surge, do mesmo modo, como crise potencial e abstrata. A crise se converte em realidade somente no Livro Terceiro porque somente aí será posto o capital individual e a concorrência.

Terceiro: nos dois primeiros livros a concorrência foi abstraída da exposição exatamente porque ela não funda as leis e tendências da sociedade capitalista, mas apenas as executam no nível da realidade concreta. A análise do conceito de capital e de crise avança, portanto, do nível mais abstrato e genérico da sociedade capitalista a um nível mais determinado e concreto.

Quarto: no Livro Primeiro analisa-se de modo abstrato as leis da produção da mais-valia, no Livro Segundo se analisa, do mesmo modo abstrato, as condições puras e idealizadas para a realização da mais-valia global. No Livro Terceiro, analisa-se a distribuição desta mais-valia global já produzida e realizada entre a multiplicidade dos diversos capitais individuais.

Assim, nosso trabalho e a análise do desenvolvimento dialético das crises podem ser divididos em dois blocos. O primeiro, que abrange a análise das contradições mais genéricas, potenciais e abstratas dos Livros Primeiro e Segundo e o segundo, que analisa a conversão destas contradições em realidade na análise do Livro Terceiro onde estão postos o capital individual e a concorrência.

Nosso trabalho demonstra, por isso, que é possível encontrar em Marx uma teoria coerente sobre as crises do capital, uma teoria dialética que parta da análise das possibilidades mais formais e abstratas da crise até sua conversão em realidade. Este processo só pode ser demonstrado junto com a demonstração do processo global de desenvolvimento do capital. O conceito de crise do capital é indissociável do conceito de capital, por isso, uma análise dialética sobre o desenvolvimento da crise deve acompanhar o desenvolvimento do conceito de capital exposto por Marx no três livros que compõem *O Capital*.

O que procuramos mostrar em nosso trabalho, concordando com os argumentos de Rosdolsky, é que Marx não abandonou a sistematização da teoria das crises

do capital, pois nunca pretendeu desenvolvê-la sistematicamente, pois, nas palavras do próprio Marx, ele pretendia desenvolvê-la num eventual prosseguimento da obra. Contudo, discordando de Rosdolsky, nem por isso Marx tratou o problema das crises apenas ocasionalmente no interior dos quatro livros que compõem *O Capital*. O que procuramos demonstrar em nosso trabalho é que, a partir das próprias concepções de Rosdolsky, Marx possuía, sim, uma teoria das crises do capital, contudo, esta teoria não está depositada em nenhum texto ou passagem canônica de *O Capital* ou das *Teorias sobre a mais-valia*, mas, está, sim, desenvolvida em todo o percurso expositivo de *O Capital*, aparecendo e começando a se desenvolver logo nas primeiras páginas do Livro Primeiro até as últimas páginas do Livro Terceiro.

Por isso, achamos inútil querer encontrar uma causa ou fundamento único e exclusivo para as crises do capital como quis a historiografia marxista durante o século XX. Achamos inútil do mesmo modo buscar uma passagem única e exclusiva que prove nossos argumentos unilaterais sobre as crises. Pensamos que a teoria das crises do capital em Marx deve ser explicada a partir da compreensão do método de exposição descoberto e desenvolvido nos anos que vão de 1857 a 1866 e que podemos denominar de método dialético de exposição. Como o próprio Rosdolsky demonstra, nos anos que vão de 1857 a 1866, Marx percebe que suas descobertas científicas não poderiam ser expostas de qualquer modo, mas deveriam, sim, ser expostas por um método dialético que abarcasse num único processo expositivo todas as complexas interações categoriais e históricas do capital. Marx descobriu nestes nove anos que o único método expositivo capaz de dar conta da complexa estrutura social e categorial do capital era o método que se elevava do abstrato ao concreto, isto é, o método que reconstrói o concreto no pensamento a partir de suas determinações mais simples e abstratas, para Marx, o único método científico capaz de apropriar-se do concreto como concreto espiritualmente pensado.

É a partir desta concepção metodológica que procuramos desenvolver nosso trabalho e mostrar que Marx possui, sim, uma teoria sobre as crises do capital. Contudo, esta teoria é uma teoria dialética que só pode ser compreendida a partir da análise do desenvolvimento das possibilidades mais abstratas e formais da crise até sua realidade concreta. Este movimento que vai da possibilidade formal e abstrata da crise até sua realidade concreta é o mesmo movimento que inicia com a análise da mercadoria e suas determinações mais simples e abstratas como valor de uso e valor do Livro Primeiro até a análise das categorias mais determinadas e concretas da sociedade capitalista como lucro e taxa de lucro, expostas no Livro Terceiro. Nosso trabalho procura, assim, demonstrar como o processo de desenvolvimento da crise, o processo de conversão de sua possibilidade formal e abstrata em realidade, é o mesmo processo que expõe todas as contradições mais simples e abstratas da sociedade capitalista, como as contradições mais imediatas entre valor de uso e valor e mercadoria e dinheiro, até as contradições mais desenvolvidas e concretas da sociedade capitalista expostas no Livro Terceiro, como a contradição entre lucro e mais-valia e taxa de lucro e taxa de mais-valia.